

**FAZER-SE PROFESSOR: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA
(CON)FORMAÇÃO DO SER SOCIAL**

GENIRA ROSA DOS SANTOS*

WILNEY JOSÉ FRAGA**

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa inicial de um projeto cujo propósito é investigar a formação do professor considerando os processos de (con)formação do ser social de uma perspectiva histórica da trajetória de vida do sujeito, os impactos e as influências recebidas nas relações que estabeleceram durante sua experiência de vida, incluindo os relacionamentos e as práticas formais relativas à formação inicial, bem como à formação continuada ou à formação em serviço. Examina de que forma essas experiências, conflitos, encontros e desencontros, contribuíram para que se constituísse num ser social que desempenha, entre outros, o papel profissional de professor.

Segundo Thompson (2002:13-18) o ser social não pode ser tomado como um ser portador de uma existência *a priori*, ou seja, ele não nasce pronto e que, embora traga um componente genético, constitui-se nas relações sociais. Ele alerta para a necessidade de se levar em consideração outras formas de conhecimento além da educação formal, escolar. Para ele o modo de viver e pensar do ser humano, ou seja, a experiência do sujeito deve ser considerada, especialmente nas práticas da educação de adultos. Discorrendo sobre a noção de experiência o historiador chama a atenção para o distanciamento existente entre o que ele denomina de cultura letrada, erudita, da dita cultura popular.

Distintas abordagens sobre a constituição do aparelho psíquico, a construção da identidade e a formação do indivíduo, advindas de diferentes campos do conhecimento humano, tais como, a Sociologia, a Psicologia e as teorias sobre o funcionamento de grupos, aproximam-se das concepções do referido historiador segundo as quais o ser humano se constitui como tal na relação com o outro, que ele não existe por si só, mas na relação com o meio social.

Com base nessas premissas, foi adotada como abordagem metodológica a História Oral no gênero História Oral de Vida, a partir das apropriações que feitas das leituras dos textos do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy. Para Meihy (2011:17 e 27), a História Oral é um recurso moderno para o estudo de processos sociais no tempo presente e pode ser

* UNISANTOS Universidade Católica de Santos, Mestre em Educação, CAPES

** UNISANTOS Universidade Católica de Santos, Mestre em Educação.

aplicada à investigação da construção de identidades, que é resultante de experiências e de vínculos que se estabelecem entre as pessoas.

“A semente das histórias de vida repousam distantes, mas certamente há um começo que pode ser assinalado pelas *Confissões* de Santo Agostinho” (MEIHY, 2011:36). Meihy considera de fundamental importância o uso da História Oral de Vida como processo de reflexão e interiorização dos próprios atos e afirma que “Houve um momento em que eu não sabia se era eu que fazia a pesquisa ou a família que me usava para repensar o universo das relações domésticas e reorientar papéis, identidades e projetos existenciais” (MEIHY, 2006:125).

Segundo Meihy (2011:34-36) a subjetividade na prática da História Oral é o que a distingue da disciplina História, que necessita ser probatória. Por se tratar de construções narrativas decorrentes da memória, que se inspira em fatos e são admitidas fantasias, imprecisões, contradições, distorções, omissões etc., a História Oral de Vida é improvável ou sensorial, mas o historiador considera o improvável inerente à vida social e que essa independência comprobatória é uma possibilidade de originalidade. Para o referido historiador a História Oral de Vida já foi incorporada na academia como documento respeitável no século XX.

Tendo como fundamentação esses referenciais teóricos e metodológicos foi conduzida uma investigação com oito professoras que atuam em uma instituição de educação infantil com capacidade para atender 348 crianças na faixa de 0 (zero) a 06 (seis) anos na creche e na pré-escola em período integral. Trata-se de uma instituição centenária, fundada em 1889, cujo objetivo original era abrigar crianças órfãs, na faixa etária de 0 (zero) a 12 (doze) anos, cujos pais haviam falecido vítimas de uma epidemia de febre amarela, tendo, portanto, desde a sua fundação um caráter assistencial.

As professoras entrevistadas foram contratadas pela instituição como monitoras, sem a exigência de formação em curso superior como pré-requisito, com a função de auxiliar as professoras dando apoio pedagógico e desempenhando atividades relativas à higiene, alimentação e demais cuidados com as crianças. Ao longo do tempo, com a experiência e após se submeter a um processo de avaliação interna da instituição, tornaram-se professoras.

A partir de mudanças recentes na legislação¹ a referida instituição passou a ser classificada como educacional, alterando as exigências quanto à formação acadêmica. Tais mudanças afetam as práticas institucionais e o comportamento dos agentes envolvidos alterando, portanto, a cultura institucional aqui definida conforme preconiza Juliá (2001:10):

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Foram realizadas (06) seis entrevistas individuais e (01) uma em dupla atendendo ao pedido de duas professoras. As referidas professoras pretendiam pedir dispensa da entrevista por se sentirem envergonhadas e por não acreditarem que suas histórias fossem interessantes, mas, por fim, pediram permissão para fazer a entrevista em dupla, pois assim uma apoiaria a outra na dificuldade, o que de fato ocorreu e possibilitou que a entrevista fluísse livremente. Cada entrevista teve a duração entre (40) quarenta e (60) sessenta minutos em um único encontro com as participantes. No decorrer do projeto de pesquisa novas entrevistas deverão ser realizadas com algumas dessas professoras, em função das necessidades de aprofundamento de alguns aspectos relativos à ambiência cultural em que viveram e aos saberes adquiridos na formação escolar.

A média de idade das participantes é de (40) quarenta anos, sendo a menor idade (29) vinte e nove anos e a maior idade (55) cinquenta e cinco anos. O tempo de exercício na profissão é muito variável. A entrevistada com mais tempo no exercício do ofício de professora tem (24) vinte e quatro anos de prática, porém somente (02) dois meses de registro em carteira de trabalho como professora, tendo sido registrada antes como monitora, ajudante e recreacionista. As demais se distribuem da seguinte forma: um ano e meio (duas), quatro anos (uma), seis anos (uma), oito anos (uma), doze anos (uma) e quatorze anos (uma). Quanto à formação escolar, quatro cursaram somente o Magistério e quatro tem formação em Pedagogia. Três tem entre quatro e seis anos de formadas e cinco tem entre dez e vinte anos de formadas.

Considerando os procedimentos metodológicos propostos por Meihy (2011:133-136 e 157-158), as entrevistas foram gravadas em meio eletrônico sendo posteriormente transpostas

¹ (Lei 11.114, de 16.05.05 e Lei 11.274, de 06.02.2006) que incluem a criança de 6 anos no ensino fundamental e de orientações dadas pelo Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica (Parecer nº 18, de 15.09.05) com relação a essa inclusão

para a linguagem escrita, passando pelo processo inicial de *transcrição* literal do discurso oral, seguido da *textualização* que torna o texto compreensível e, por fim, usando o recurso da *transcrição*, a construção de um documento a partir do “tom vital” da entrevista, intitulado “*Luiza: Contando histórias da Bíblia e atraindo crianças*”. O tom vital é “Uma frase guia [...] escolhida e extraída da entrevista como um todo. [...] para requalificar a entrevista segundo a sua essência” (MEIHY, 2011:142).

Segundo Meihy (2011:72), os textos derivados das entrevistas, depois de tratados, devem ocupar um lugar privilegiado por serem considerados o epicentro da pesquisa. Para tanto, foi selecionada uma das entrevistas realizadas, utilizando-se como critério a narrativa que mais se aproxima do objeto de investigação e das questões teóricas nas quais se fundamentam a pesquisa, ou seja, a relevância da experiência no processo de fazer-se professor. A entrevistada tem (32) trinta e dois anos de idade, (04) quatro anos de graduada em Pedagogia, está trabalhando na instituição faz (05) cinco anos, tendo ingressando como monitora e faz um (1,5) ano e meio que exerce a função de professora.

LUIZA: Contando histórias da Bíblia e atraindo crianças

Nasci num berço em que sempre fui envolvida com as histórias da Bíblia e desde os meus nove anos eu dava aula de escola bíblica dominical em instituição religiosa. Meu pai era pastor e nos mudávamos muito de cidade morando em locais pequenos e cabia a mim, como sua filha, estar à frente dos trabalhos da igreja auxiliando-o com as crianças de bairros carentes. E assim fui crescendo e aprendendo, quebrando a barreira da didática, ficando escolada. Era uma pequena cuidando de criança pequena.

Lembro-me de um lugar onde a nossa congregação se dividiu e ficamos com poucas pessoas na nossa igreja. Para termos mais membros participando da instituição fui fazer trabalhos na praça da cidade com crianças e, para atrair a atenção delas, contava histórias da Bíblia usando fantoches. Na divisão da Igreja havíamos ficado com apenas 12 crianças e depois de um ano de trabalho tínhamos mais de 60 crianças, cujos pais nos assistiam, mesmo os que não pertenciam à igreja. Comecei então a me especializar em contar histórias para crianças usando fantoches.

Antigamente as instituições religiosas evangélicas não tinham a mente muito aberta, hoje mudou. Eu nasci ouvindo falar que Jesus ia voltar e que deveríamos nos preparar só para vinda de Jesus. Meus pais são de origem muito humilde e, apesar do suporte que me deram em tudo inclusive na escola, nunca me deram incentivos do tipo: “você tem que estudar”. O incentivo e as orientações para os estudos eu recebi na escola, de pessoas mais instruídas, dos professores que, desde pequena, eu sempre admirei.

Lembro-me de uma professora do primeiro ano que me encantava porque, sempre que fosse necessário ela parava a aula para conversar e ajudar uma criança com dificuldade. Ela se doava. No quarto ano eu conheci um professor que dava aula de português e de tênis com quem aprendi muito, foi uma parte muito bacana da minha vida. Ele me dava livros, ajudava-me a decifrar assuntos complexos e a ler nas entrelinhas. Eu gostava muito de ler gibi, recortar e fazer minha própria história em quadrinhos. Num dos saraus que ele organizava com seus próprios recursos meu gibi foi escolhido e ganhei um prêmio. Ele falava que eu tinha dom e conversou com minha mãe para investir em mim, comprar livros, mas como já disse, ela não incentivava muito o estudo.

Pratiquei natação desde os quatro anos de idade e queria seguir carreira nos esportes, mas tive que abandonar, pois mesmo conseguindo um patrocinador, minha mãe não

permitiu porque eu teria que sair de casa, viver num alojamento e ela não queria que eu me afastasse da igreja. Sofri bastante na época, mas hoje não me arrependo. Continuei trabalhando com as crianças e mais tarde com os adolescentes da igreja.

Quando terminei o colegial queria ser jornalista, mas estava bem longe do meu alcance porque não tinha condições financeiras e nem acesso às informações sobre financiamentos e, tão pouco, havia as facilidades que hoje o governo oferece. Nessa época, morando no interior de São Paulo, numa região desenvolvida em tecnologia de açúcar e em química, iniciei um curso de tecnólogo em química que abandonei no primeiro ano e entrei em depressão. Sem saber o que fazer da vida fiquei um ano sem estudar. Minha mãe dizia que eu tinha que procurar algo onde pudesse encaixar essa vontade de me comunicar com as pessoas.

Aos 23 anos continuava perdida, eu ainda não sabia o que queria. Fui trabalhar como vendedora numa loja onde me realizava e me identificava muito, onde fiquei muitos anos da minha vida. O salário era pouco, mas ganhava bastante comissão. Cada dia era uma experiência diferente com o cliente. Como eu falo demais, as pessoas se abriam, trocávamos experiências, era muito bacana! Principalmente com os casais idosos, que gostam de conversar e se sentem sós, pois os netos estudam e os filhos trabalham.

Meu patrão, dono da loja onde eu trabalhava, sugeriu que eu fizesse um curso de “designer” de interiores porque ele via em mim essas habilidades, mas não segui sua recomendação. Também recebi um convite de um cliente da loja para ser secretária numa escola de odontologia porque ele achava que eu tinha facilidade para falar e convencer as pessoas. Mas eu não sabia bem o que queria e não tinha muito juízo, não pensava no futuro, vivia só o dia.

Eu nunca pensei em ser professora, mas por causa do meu trabalho na igreja as pessoas sempre me falavam que eu levava jeito. Mas eu pensava que seria totalmente diferente o ensino em uma instituição religiosa e uma escolar. Elas me diziam que a didática é a mesma e que só o conteúdo seria diferente. Fui criando maturidade na forma de ensinar, usando o lúdico com as crianças, fazendo palhaçadas, de um jeito engraçado para elas prestarem atenção em mim e com os adolescentes sendo mais descontraída. No começo eu sofri bastante para aprender as diferenças no modo de lidar com cada um. A criança menor, diferente do adolescente, é bem mais autêntica, mostra o que não entendeu e fica mais fácil ensinar, mas eu não queria trabalhar com crianças por toda a vida. Eu fiz um curso

preparatório de missões para a África e as pessoas com quem eu estudava também diziam que eu tinha didática para lidar com as turmas e me aconselharam a fazer o curso de Enfermagem ou de Pedagogia porque esses cursos facilitariam o acesso ao trabalho das missões em outros países. Decidi então fazer Pedagogia para me abrir a mente e depois ver o que iria fazer e para onde correr!

Casei-me durante o curso de Pedagogia e, apesar de não pensarmos em ter filhos, engravidei quando estava cursando o último ano e, mesmo com dificuldades, conclui a faculdade com o apoio dos meus pais e do meu marido. Parei de trabalhar e interrompi o projeto de missões porque somente são aceitos como missionários os casais sem filhos. Quando nossa filha estava com (06) seis meses de idade adotamos um menino de (02) dois anos, irmão de outro adotado pela minha mãe, na época com (09) nove anos, ambos vindos de uma creche onde eu e meu marido fazíamos trabalhos como voluntários. Depois da adoção do nosso filho, descobrimos que ele é autista e então minha vida passou a girar em torno de cuidar desses dois filhos.

Eu queria muito trabalhar meio período numa escola, para praticar o que aprendi e, com o apoio do meu marido e dos meus pais, em 2013 iniciei meu trabalho aqui como monitora em período integral no berçário com crianças de (1,5) um ano e meio. Nos primeiros meses foi difícil porque depois do trabalho na escola tinha a rotina da casa e do cuidar das crianças, mas me adaptei e comecei a voltar o meu olhar para as crianças. E, embora o salário só cobrisse os gastos, sobrando muito pouco, para mim era importante ter a experiência da sala de aula, eu me sentia satisfeita porque o que aprendia na escola levava pra casa e a experiência com meus filhos me ajudava na escola.

Era uma atividade muito assistencialista e eu queria não só cuidar da criança, mas também fazer um trabalho didático, ver o que eu conseguiria passar e o que elas absorveriam, queria viver a troca, mas não sabia como fazer. A professora responsável pela sala onde eu era monitora me ajudou bastante, pois gosto de ouvir quem tem experiência e aprender a parte boa. No berçário formávamos uma equipe muito boa, tínhamos diálogo, sintonia, nos dávamos muito bem. Era muito bom trabalhar em equipe e saber que não depende só de você. Estava tudo bem confortável até que surgiu uma vaga para ser monitora do maternal com crianças de (03) três anos e eu fui para uma nova sala, nos separamos. Saí da zona de conforto porque sem isso não se cresce, o que eu aprendi para transmitir para aquelas crianças, apesar de cada dia ser uma surpresa, já estava na rotina, a minha prática

não se modificava em nada. Sou aberta a novidade e gosto de tudo que é desafiador. Eu me avalio, me cobro muito, gosto de ver se estou conseguindo evoluir. Surgiu uma oportunidade e corri atrás.

Então fui promovida através um processo de avaliação interna na escola e estou como professora do maternal em meio período, como eu queria e assim posso trabalhar, estudar e ficar com os filhos. Saí da parte de assistencialismo e do apoio e fui para o didático. Nessa mudança busquei a ajuda de uma professora com quem fiz um estágio porque me chamava muita atenção a forma que ela dava aula, como mudava a entonação de voz para os alunos prestarem mais atenção. Ela me deu várias dicas. Gosto muito de estudar. Quando iniciei meu trabalho como monitora comecei a pesquisar em casa o que poderia fazer com as crianças de(1,5) um ano e meio para estimular e desenvolver. Observava o que dava certo, o que fazia com que elas dessem risadas e o que eles faziam para me imitar e continuava a pesquisar. Mesmo não sendo formada na área, às vezes faço palestras sobre o autismo, para ensinar o que estudei por causa das dificuldades do meu filho.

Fiquei encantada com esse mundo e fui querendo cada vez mais ficar dentro de sala de aula. É um desafio para mim, pois trabalho só para custear as despesas e não me sobra nada, nem para investir em mim mesma. Agora estou trabalhando no maternal com a mesma turma que trabalhei no berçário e eles se lembram de conhecimentos que eu passei e os pais também falam de coisas que os filhos aprenderam comigo e levaram para casa. Acho isso incrível e não tem dinheiro que pague.

*Hoje estou como professora, mas não sei como será no futuro. Estou concluindo um curso de contabilidade **on line**. O campo contábil é muito vasto e pensei até que no futuro poderia abrir uma escola diferenciada, um hotelzinho para os pais que têm trabalho à noite ou que viajam e não tem com quem deixar os filhos. Eu queria conhecer o que acontece por trás dos bastidores, pois nunca entendi muito disso e agora que já esclareci um pouquinho não quero a parte contábil, vou terminar o curso e engavetar o diploma, quem sabe futuramente? Mas hoje não quero abrir escola e nem trabalhar dentro de um escritório de contabilidade. Não dá para mim, é muito papel e eu preciso do contato com as pessoas. É melhor ser uma boa funcionária num bom lugar.*

A criança me incentiva, com pouco dá para criar coisas grandiosas, então eu me realizo. A cada dia que aprendo com elas evoluo como pessoa, como ser humano e ter amor. Eu me desenvolvi com todas as crianças com quem já trabalhei ao longo do tempo, ao contar

uma história, avaliar o que não foi interessante e o que foi proveitoso, o que mudar para contar a mesma história de outro jeito. Trabalhar com as crianças está sendo um preparo para no futuro trabalhar com adultos.

Eu percebo que quanto mais a pessoa se especializa mais portas se abrem. Não quero fazer uma pós-graduação só pelo diploma, eu quero ter conhecimento daquilo que estou fazendo, inovar meu conhecimento, a minha didática, porque na faculdade você aprende a teoria, mas a prática é muito diferente. Eu quero me especializar em Pedagogia Empresarial, sair de dentro de sala de aula para dentro de empresas dando palestra, aproveitando coisas que já faço na igreja, com as quais eu já tenho facilidade como fazer seminários para namoro e casamento. Vou fazer também o curso de Neuropedagogia para clinicar, pois, por conta da dificuldade do meu filho, convivo com muitas mães e crianças com vários transtornos e vejo a dificuldade de se fazer diagnóstico e sei que quanto mais rápido for feito é melhor para o tratamento.

Por enquanto eu quero ficar com as crianças até eu crescer com elas e absorver toda a experiência e então eu mudo para outras áreas.

Reflexões e Considerações finais

Meihy (2011:130-131) discorre sobre as possibilidades de análise do conjunto de entrevistas, buscando cruzamentos e indicando pontos de intercessão. Neste texto foi selecionada uma das narrativas transcritas e, tendo como ponto de partida a compreensão da história selecionada, foram incluídos elementos das demais entrevistas e são tecidas algumas reflexões e considerações acerca dos aspectos já percebidos no caminhar desta pesquisa até o presente momento.

Percebe-se que desde a sua mais tenra idade Luiza começou a se fazer professora enquanto se constituía como um ser social nas suas relações com a família e na religião, que perpassa por toda sua narrativa. Ela não apenas ocupava as crianças com atividades lúdicas, mas cumpria a missão, por assim dizer, que a igreja lhe atribuiu que foi formar (forjar) mentes e corações, também na mais tenra idade das crianças com quem trabalhava. "Ensina o menino no caminho em que ele deve andar, pois, quando for grande, jamais se desviará dele". Esta é uma passagem bíblica que, se supõe, sempre orientou e, talvez ainda oriente, as suas práticas pedagógicas nas escolas bíblicas dominicais da doutrina evangélica, na qual ela se situa.

Observa-se na sua trajetória a religião como fator primordial na construção do seu ser professora e a pouca prioridade atribuída à sua educação formal e formação profissional inicial. Filha de pastor, de um "ministro da palavra", cuja principal função é "pregar a palavra", ou seja, levar (ensinar) o evangelho a todos, aprendeu a ensinar no seio da família e da igreja, tendo como modelo e mentor o pai e os "irmãos na fé", que a estimulavam a seguir a carreira de professora, reconhecendo nela habilidades para tal: "você leva jeito". Frase que ela ouvia, não só na Igreja, como também de outras fontes das suas relações, pela facilidade e pelo prazer de lidar com pessoas, de buscar métodos de aprendizagem e de ensinar o que aprendia.

É notória a importância que Luiza atribui ao aprendizado pela experiência, enfatizando o seu interesse por estudos e pesquisas de temas focados nas suas necessidades práticas, como por exemplo, compreender as dificuldades dos filhos, ou espelhando-se em modelos e práticas de outros professores enquanto aluna ou, posteriormente, quando no exercício do papel de monitora e do ofício de professora, sempre investigando e testando práticas pedagógicas que pudessem atrair a atenção das crianças e gerar aprendizado.

Tal tendência de aprendizado prioritariamente com a própria prática, na observação e troca com o outro, ou seja, a formação em serviço, também está presente nas narrativas das demais professoras entrevistadas. As referidas professoras são oriundas de famílias desfavorecidas econômica e financeira convivendo em um ambiente cultural pouco favorável à sua formação escolar e intelectual. Algumas delas tornaram-se mães ainda solteiras ou constituíram família precocemente, de modo que essas manifestações de vida, aliadas as condições financeiras desfavoráveis, foram entrecortando o que seria o curso normal dos acontecimentos, interferindo nos seus processos de educação formal, adiando o ingresso nos cursos de Magistério ou de Pedagogia.

Percebe-se nitidamente na trajetória relatada por Luiza e também nas narrativas das demais professoras entrevistadas, a influência das experiências adquiridas no fazer-se mãe nas práticas escolares e, por outro lado, os aprendizados no exercício do papel de professora impactando a educação dos filhos das referidas professoras.

De modo geral, não se encontram evidências de um processo formal e sistemático de educação continuada na formação das entrevistadas, ainda que Luiza deixe transparecer sua preocupação com essa questão. Apesar das condições financeiras desfavoráveis, das demandas da vida doméstica e dos cuidados exigidos pelos filhos, suas inquietações estão presentes, seja nas tentativas de incursões pela área contábil, investindo num possível sonho de empresariar um negócio, seja nos planos de ingressar futuramente no curso de Pedagogia Empresarial, especializando-se em educação de adultos, ou ainda cursando Neuropatologia, dedicando-se aos cuidados com crianças portadoras de necessidades especiais. Está também manifesto seu desejo de continuidade com o seu trabalho atual com as crianças, que ela considera como um preparo para o trabalho com os adultos, caso seja essa sua escolha futura.

As demais entrevistadas dizem-se satisfeitas com a profissão como a exercem atualmente junto às crianças, com o clima existente entre elas e com a instituição. Não se imaginam fazendo outra atividade, nem em outro lugar. Há, no entanto, uma inquietude em relação ao futuro por parte das professoras que não possuem graduação em Pedagogia, em função dessa atual exigência legal para o exercício da profissão de professora, o que nos remete à influência da sociedade na formação, através força da legislação. Temem perder o emprego e estão em busca de soluções e recursos para suprir essa lacuna na formação escolar acadêmica.

Ressalte-se que não se trata de tecer juízos de valor, mas de compreender os sentidos que as professoras entrevistadas atribuem às próprias práticas. Em Educação e Experiência, Thompson auxilia na compreensão de tal postura, utilizando-se de textos literários como possibilidade de estabelecer um diálogo entre sociedade, experiência e literatura uma vez que nesta, por ser um produto social, estão retratados aspectos da cultura. Refere-se a Judas, personagem de Thomas Hardy, um sujeito das classes populares cujo sonho era viver na cidade e estudar para ser arquiteto. Não conseguindo ingressar na universidade como aluno, mas como pedreiro, morreu valorizando a cultura letrada, no dizer de Thompson, mas também outras formas de conhecimento que não o escolar. Hardy, como Judas, propunha uma relação horizontal entre cultura letrada e cultura popular. Thompson, igualmente, atribui importância à cultura letrada e a experiência na educação de adultos.

Tendo-se a como base as narrativas fornecidas num primeiro contato junto às referidas professoras é perceptível como as interações na trajetória de vida do sujeito o constitui enquanto ser social, evidenciando-se a importância da experiência no fazer-se professor. No entanto, considera-se importante uma sequência de novas entrevistas, como propõe Meihy, no sentido compreender em profundidade outras questões intervenientes na formação do ser social e que interferem no fazer-se professor. Foram elencados alguns tópicos a serem contemplados nas próximas etapas da pesquisa. Certamente outras questões poderão emergir à medida que a pesquisa se desenvolve.

Ao se manifestarem sobre o significado de ser professora expressam um sentimento de orgulho e de alta autoestima pela importância que atribuem ao fato de ter algo a ensinar, a transmitir e influenciar na formação da criança. Demonstram um sentido de “missão” no seu trabalho, enfatizando e valorizando os aspectos de dedicação, de doação às crianças. Sentem-se gratificadas pela profissão ao perceber algo que ensinaram manifesto num aprendizado ou num comportamento de uma criança e também pelo reconhecimento dos pais ao mencionarem as referências que as crianças atribuem às professoras. Sentem-se gratificadas ao perceber o impacto do seu conhecimento produzindo resultados em outro ser e pela oportunidade de aprender com as crianças. A percepção da profissão como um trabalho ou como uma missão, foi um tema apenas tangenciado, podendo ser aprofundado numa possível sequência de novas conversas.

Também foram abordados aspectos relacionados à carreira no que diz respeito à nomenclatura da função nos registros em carteira de trabalho e na formalização dos contratos.

Algumas entrevistadas afirmam ter exercido a função de professora em outros estabelecimentos enquanto eram formalmente contratadas como assistentes, recreadoras ou similar.

Outras questões que foram levemente evidenciadas nesse primeiro estágio de investigação, que possivelmente possam estar presentes no ambiente sociocultural e influenciar e ter significado no processo de fazer-se professor: o papel da leitura na formação, averiguar se os ambientes em que viveram eram estimuladores da leitura. O que leram? Havia cobrança? O que predominava em termos de cultura e lazer, as relações de amizade e a vizinhança. As escolas onde estudaram e onde trabalharam. Que conteúdos e referenciais aprenderam e adotaram como modelo e estilos de ensinar? O comportamento na instituição onde atuam hoje. Como vivem o processo de transição de uma cultura assistencialista para uma instituição educacional? Que influências são presentes na prática dessas professoras?

Considerando que o processo de construção de um ser que é essencialmente social se faz nas relações com os outros, faz-se necessário conhecer quem são os outros, em que ambiente vivem, no que acreditam, o que pensam e como agem.

REFERÊNCIAS

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In. **Revista Brasileira de História da Educação**. Tradução de Gizele de Souza. no.1 jan/jun. 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Augusto e Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **Os Românticos. A Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002:11-47.